

Artes da cena, espaço público e primeira infância

Performance arts, public space and early childhood

Suzana Schmidt Viganó¹

Universidade de São Paulo – USP, São Paulo/SP – Brasil

E-mail: suzanaschmidt21@usp.br

Resumo

Este artigo investiga a experiência estética como um fator de desenvolvimento multidimensional na primeira infância e a retomada do espaço público como uma experiência convivial intergeracional, focalizando a ação artística *EmQuanta*, nas praças e parques da cidade de São Paulo, após a pandemia de covid-19. Refletimos sobre como as artes da cena podem contribuir para a experiência estética na primeira infância, para uma coexistência intergeracional e para a reinvenção do espaço público, em contato com a energia vital dos parques da cidade. Para isso, analisamos as políticas públicas para a primeira infância no Brasil, dialogamos com autores dos campos da estética, arte-educação e artes da cena e concluímos analisando a ação artística *EmQuanta*, destacando a sua contribuição para as questões levantadas.

Abstract

This article investigates the aesthetic experience as a factor of multidimensional development in early childhood and the resumption of public space as an intergenerational convivial experience, focusing on the artistic action *EmQuanta*, in squares and parks in the city of São Paulo, after the covid-19 pandemic. We reflect on how the performance arts can contribute to the aesthetic experience of early childhood, to intergenerational coexistence, and to the reinvention of the uses of public space, in contact with the vital power of parks in the city. To this end, we analyzed public policies for early childhood in Brazil, established the dialogue with authors from the fields of aesthetics, art education and performance arts, and concluded by analyzing the artistic action *EmQuanta*, highlighting its contribution to the issues raised.

Palavras-chave

Experiência estética. Primeira infância. Artes da Cena. Políticas culturais.

Keywords

Aesthetic experience. Early childhood. Performance Arts. Cultural Policies.

1 Suzana Schmidt Viganó é doutora em Pedagogia das Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo e professora do Departamento de Artes Cênicas da Escola de Comunicações e Artes ECA-USP. É pesquisadora dos campos da ação cultural, ação artística e urbanidade; políticas públicas de cultura e ações artísticas para a infância. É fundadora e idealizadora do Núcleo Quanta (www.nucleoquanta.com).

Introdução: a arte, a infância e a sociedade como objetos de pesquisa

O desenvolvimento da criação artística é algo que não pode ser vivenciado de forma isolada. Ele é um todo que envolve formas, linguagem, brincadeiras, corpo, experimentos, materiais, os lugares, as sensações, até mesmo as convivências (Anna Marie Holm).

Este artigo reflete sobre a inserção da infância no mundo compartilhado, a partir da experiência artística, partindo da pergunta: por que a sociedade deve se preocupar com as crianças pequenas? Na trilha de investigação sobre possíveis respostas, refletimos sobre como a ação artística e a experiência estética podem contribuir para o desenvolvimento multidimensional na infância e para o convívio intergeracional, ampliando também os modos de ser dos adultos em relação às crianças e ao espaço público.

A potência vital dos parques e praças da cidade é trazida à tona como elemento dinamizador dessas relações (especialmente no momento pós-pandemia), possibilitando a especificidade de uma experiência estética que qualifique a vida das crianças em grandes conglomerados urbanos como São Paulo. A reinvenção dos usos do espaço público a partir da ação artística *EmQuanta*, do Núcleo Quanta, possibilita a experiência da arte como convivialidade, interferindo nos modos de relação entre adultos, crianças e cidade e ampliando as possibilidades do brincar e do performar o convívio com o mundo, próprio das crianças pequenas.

Buscando ainda investigar o olhar e o cuidado da sociedade para com a infância, focalizamos as políticas públicas para primeira infância no Brasil e como elas podem contribuir para o amparo e qualificação da vida dos pequenos nas grandes cidades, possibilitando iniciativas no campo da arte e da cultura que trazem um olhar específico para as necessidades desse segmento.

Prosseguimos nossa análise apresentando o Núcleo Quanta, que se dedica à produção e pesquisa sobre a experiência artística na primeira infância e nas relações intergeracionais. Seguimos com a reflexão sobre a experiência estética das crianças pequenas, ao analisar a ação artística *EmQuanta*, que ocupou praças e parques de São Paulo, subsidiada por lei de fomento à produção artística como retomada do espaço público após o distanciamento social realizado como medida sanitária de prevenção à pandemia de covid-19.

Concluimos refletindo sobre como a ação artística pode contribuir para qualificar a experiência infantil, os usos do espaço urbano e os novos modos de convívio, em um momento planetário em que atravessamos o desafio de aprender com as catástrofes, tendo a oportunidade de rever e redirecionar nossas maneiras de conviver, habitar, fruir e cuidar uns dos outros e do mundo que nos acolhe e nos sustenta. Lançar nossos olhares e ações sociais e artísticas para a infância contribui assim para abrir possibilidades para o novo e que este possa, porventura, reconstruir o mundo.

Sobre a experiência estética e a primeira infância

A experiência estética nasce como uma questão filosófica e se coloca no campo conceitual após o entendimento da arte como categoria autônoma na cultura ocidental. Schiller (2002) já via na experiência estética uma maneira de libertar o homem de uma formação essencialmente racionalista e vincula a percepção e a sensibilidade a uma compreensão multidimensional sobre o ser humano, ampliando nossos horizontes culturais e diversificando nossos modos de vida. A atitude estética caracteriza-se pela atitude que o sujeito tem diante do mundo, entrando em jogo com o acontecimento artístico e constituindo-se assim como campo de experiência.

Nesse sentido, as obras e acontecimentos artísticos não existem meramente para serem compreendidos ou dominados, mas para serem experimentados, representando assim instâncias

de convocação dos sujeitos que são capazes de conduzir a ou de serem vivenciadas como uma transformação, atitude essa fortalecida nas artes cênicas especialmente a partir da virada performativa nos anos 1960. Entrar em jogo com o acontecimento artístico significa então conceder-se a possibilidade de realização da experiência estética, trazendo a atenção sobre os efeitos que essa experiência pode produzir e ampliando assim as infinitas possibilidades de existência sobre o mundo.

E por que não exercitar essa experiência desde a mais tenra infância? Ao observar as primeiras interações de um bebê com o universo que o cerca percebe-se que a sensorialidade é o principal mediador na criação de conhecimento sobre o mundo. Nossas primeiras experiências com a vida, além de instintivas - pelos dispositivos que armazenam e ativam a inteligência necessária para a manutenção da sobrevivência - são essencialmente estéticas: sensoriais, perceptivas e imaginativas. Ao acompanhar uma criança pequena em suas brincadeiras pelos espaços da casa, do parque, da rua, ou da praia, percebe-se o interesse pela exploração desses espaços, pela experimentação tátil dos materiais e pela relação corporal estabelecida com os elementos sensoriais.

Autores como Herbert Read (2016) e Victor Lowenfeld (1975) dedicaram-se aos estudos sobre a expressão infantil no campo das artes visuais. No terreno das artes cênicas, podemos citar Jacques Copeau e Suzanne Bing, na *École du Vieux-Colombier* (2022) e Peter Slade (1974) como precursores de um pensamento e prática do teatro com crianças. Mais recentemente, muitos artistas se dedicam às práticas com crianças desde os anos iniciais, destacando-se a artista visual dinamarquesa Anna Marie Holm (2007) e a artista da performance, Sibylle Peters, já citada, no contexto europeu. Além disso, a expressão artística é marco de referência na educação infantil, desde o pragmatismo de John Dewey (2010) até a centralidade do ateliê na educação com a abordagem de Loris Malaguzzi em

Reggio Emilia (2023).

No Brasil, este é um campo presente na educação desde a influência da Escola Nova, nos anos 1920², mas que tem avançado nos últimos 10 anos em relação às práticas artísticas com a primeira infância, articulando o campo da educação informal e da experiência estética. Pesquisadoras como Marina Marcondes Machado (2010) e seu conceito de criança-performer e artistas como o Núcleo Quanta têm avançado na relação entre a arte e a infância, na perspectiva de uma abordagem imersiva entre a obra e o espectador e entre a obra, o espectador e a cidade.

Ao investigar o trabalho com crianças e não, simplesmente, para crianças, colocam-se algumas perguntas iniciais: de que modo a arte conversa com a infância? De que modo a experiência artística expressa o ser no mundo de uma criança pequena? De que modo a arte cênica contemporânea se conecta à potência infantil?

Considerando a inteligência a partir de uma perspectiva múltipla, a expressão artística e o desenvolvimento da imaginação participam do desenvolvimento da identidade da criança, exercitando igualmente sua inteligência sensível e suas capacidades de observação, comunicação e percepção, além do desenvolvimento cognitivo a partir da experiência com as qualidades do espaço, peso, volumes, texturas, sonoridades, luz e cores.

Na Base Nacional Curricular Comum (BNCC, 2018) da educação brasileira, constam como direitos de aprendizagem e desenvolvimento infantil o conviver, o brincar, o participar, o explorar, o expressar-se e o conhecer-se, fatores amplamente presentes na experiência artística. Seus eixos estruturantes estipulam as ações e brincadeiras

² A Escola Nova foi um movimento de renovação do ensino no início do século XX, atingindo Europa, América e Brasil. Defendia o protagonismo da criança no processo de educação, a educação universal e democrática e o respeito à diversidade. Influenciada pelo pragmatismo de Dewey, a Escola Nova norteava-se pelo eixo vida-experiência, respeitando a individualidade dos sujeitos e buscando a sua inserção na sociedade. Um dos principais representantes do movimento no Brasil foi o educador baiano Anísio Teixeira.

entre pares e com adultos que possibilitem aprendizagens, desenvolvimento e socialização. O aprofundamento de experiências corporais, sensoriais, expressivas, sociais e cognitivas, que, na primeira infância passam pela exploração de gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, objetos, histórias e brincadeiras, são indicadas como caminho amplo de aprendizagem e como direito reconhecido na especificidade da primeira infância como grupo social e participante da vida em sociedade.

O desenvolvimento e a aprendizagem de uma criança pequena passam necessariamente pelos cinco sentidos, responsáveis por toda a leitura do mundo que o rodeia e pela potencialização e aperfeiçoamento de capacidades corporais, cognitivas e socioemocionais. O estar no mundo de uma criança pequena é determinado pela maneira como o seu corpo se movimenta, ocupa o espaço e interage com os objetos, com o ambiente e suas qualidades plásticas e sonoras. Neste sentido, o olhar atento para a estrutura corporal e proprioceptiva de uma criança, o estímulo apropriado para a sua movimentação, a interação com ambientes e ações que desafiem a sua percepção sensório-motora, a interação com ações performativas que estimulem respostas lúdicas e exploratórias dos sentidos infantis são colaborações que a arte e a experiência estética podem proporcionar.

Compreende-se assim a arte, desde a primeira infância, como experiência que proporciona não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas a própria autonomia, liberdade expressiva e comunicação. O contato com a experiência artística desde os primeiros anos proporciona a construção de habilidades simbólicas, de criatividade e comunicação, que se acumulam nos corpos como sensorialidade perceptiva e inteligência sensível, contribuindo para um trabalho com a infância que proporcione abertura para um mundo mais sensível, cooperativo e aberto às mudanças, tão necessárias neste momento de mudanças climáticas e questionamento da herança colonial. Nesse sentido,

a experiência estética confunde-se com a educação informal, na constituição de um jogo que rompe com os muros da escola e envolve as crianças, seus pais e cuidadores e os artistas que se propõem a compartilhar essas experiências.

É preciso de uma aldeia inteira para criar uma criança³

Embora esse conhecido provérbio nos traga o entendimento de que, nas sociedades tradicionais, indígenas e africanas, as crianças sejam parte integrante da comunidade, participando de suas diferentes instâncias como responsabilidade coletiva, a compreensão sobre a singularidade da infância e sua participação na sociedade ocidental tem apresentado diferentes contornos ao longo da história. A preocupação com a educação das crianças, como um bem que atravessa a sociedade e do qual depende o seu futuro, se fortalece apenas a partir do século XVIII, quando também a educação ganha contornos de universalização e preparação para a vida.

Ideias como as de Rousseau (1979), que pressupõem a educação como direito de todos, singularizando a criança e sua formação como potência de virtude a ser desenvolvida para a vida em uma sociedade livre e democrática se popularizam, enfatizando o exercício dos sentidos e da ética comunitária. No entanto, é somente a partir do século XX que a criança passa a ser tratada como um tema de ordem pública, tornando-se um sujeito de direitos e protagonizando um conjunto de leis e normativas que garantam a sua vida e crescimento pleno.

Diferentes proposições políticas e jurídicas surgiram para defender a criança como sujeito de direitos especiais no mundo, com a Declaração das Universal dos Direitos da Criança (1959), a Convenção dos Direitos da Criança (1989) e a Conferência Mundial sobre a Criança (1990). No Brasil, essa pauta ganhou maior espaço a partir da Constituição Federal (1988) e do Estatuto da Criança e do Adolescente (1990). O destaque à primeira

³ Provérbio africano de domínio público.

infância, contudo, só se tornou pauta política no século XXI, quando foi aprovado o Marco Legal da Primeira Infância (Lei 13.257/2016), que estabelece as condições e orientações para a elaboração de planos intersetoriais no âmbito dos municípios, voltados à primeira infância, com escuta ampliada da população e definição de metas pelos órgãos responsáveis (Observatório da Primeira Infância, 2020, p.14).

A ênfase na defesa da infância, e especialmente da primeira infância, é ainda incipiente no conjunto de ações sociais, educacionais e culturais no Brasil, apesar da existência de legislação. Indicadores são trazidos à discussão a fim de privilegiar a construção dessas ações nas políticas públicas brasileiras, como as questões sobre o desenvolvimento das competências cognitivas, sociais, físicas e emocionais garantidas já nos primeiros anos.

Estudos no campo da neurociência e da pedagogia indicam que entre o zero e os seis anos de idade, o cérebro humano está em sua fase de maior desenvolvimento, sendo potencializado pelos estímulos recebidos pelas pessoas e pelo ambiente no qual as crianças estão envolvidas. O Plano Municipal para a Primeira Infância, promulgado pela Prefeitura de São Paulo apenas em 2019, aponta que:

a perda de rendimento anual na idade adulta para aqueles que, quando crianças, não tiveram condição de alcançar pleno desenvolvimento é de aproximadamente 24% [...] o investimento na primeira infância é uma medida socioeconômica altamente eficaz e eficiente, cuja necessidade de priorização é incontestável (Plano Municipal para a Primeira Infância-SP, 2018, p.8).

Dessa maneira, tornar a cidade um espaço de habitação, circulação e fruição também para as crianças pequenas é parte essencial do entendimento de políticas públicas voltadas para essa faixa etária, tornando o próprio ambiente da cidade, suas praças, vias e equipamentos públicos lugares mais acolhedores e adequados para elas. A valorização da natureza, da presença de cor,

a limpeza urbana, as condições de segurança, a acessibilidade nas vias públicas, a criação e manutenção de espaços de brincar, públicos e privados, a convivência intergeracional são alguns dos fatores apontados para garantir as condições do atendimento público à primeira infância.

A preocupação com a qualidade da educação infantil e do envolvimento das famílias e da sociedade na valorização dos cuidados com as crianças pequenas indica a necessidade de ações culturais e sociais que estimulem a sensibilização para o seu desenvolvimento integral e para os impactos que a exclusão e a invisibilidade das crianças pequenas podem causar como problemas sociais.

Compreendemos assim que o espaço público é também lugar de aprendizado e interação, reconhecendo a importância do entorno e da própria cidade na vida das sociedades urbanas. Ampliar então o universo de experiências, conhecimentos e socialização das crianças pequenas no espaço público é também do interesse da arte, como parte de uma aprendizagem social que valorize a sensibilidade, a cooperação, a diversidade e a inserção das crianças em um espaço de construção de afetos, reconhecimentos e descobertas.

A cultura é uma dimensão ativa e constitutiva da própria cidade e a ação artística tem contribuído para participação na vida pública, além de impulsionar o enfrentamento dos desafios da vida pessoal e coletiva, estimulando a formação de ambientes comunitários favoráveis à inserção cultural e à expressão artística. Ao refletirmos sobre a relação entre arte, cidade e vida pública, trazemos a ideia de um processo permanente, que leva em consideração não apenas os espaços das cidades e suas populações, mas as dinâmicas que os regem e criam seus usos e simbolizações, segregação e desigualdades. Desse modo, a ação artística é potencial transformadora dos espaços e das relações que se inscrevem na vida pública. E por que não considerar também a participação das crianças pequenas nessa construção?

O Núcleo Quanta e as artes cênicas como campo expandido

O Núcleo Quanta reúne artistas e pesquisadores de diferentes linguagens que têm como foco a investigação de processos artísticos e pedagógicos para a primeira infância, em relação aos adultos. Com um repertório de três espetáculos e *jam sessions*, premiações e fomentos, o Núcleo atua desde 2011, atendendo a um público pouco privilegiado no campo das artes cênicas e visuais: as crianças pequenas.

Nascido como um núcleo de pesquisa do grupo Minik Momdó de Dança Teatro, o Núcleo Quanta iniciou, com o Projeto Poeira (VIII edição da Lei de Fomento à Dança SMC/SP) seu percurso de investigação sobre a criação de ambientes estéticos que oferecessem uma relação performativa com as crianças pequenas.

A partir da experiência no campo da dança-instalação percorrido, o Núcleo Quanta passa a investigar as interações das crianças com elementos cênicos, com os dançarinos e com o espaço instalado, adicionando a especificidade da infância à encenação: o brincar e a performatividade infantil, resultando no que denominamos “jogo-instalação” (Viganó, 2019). Com o desenvolvimento do trabalho, o processo de hibridação das linguagens artísticas se manteve, tanto na composição das suas obras quanto em suas ações artísticas e pedagógicas, inscrevendo-se assim em um campo expandido das artes cênicas. Como aponta Sílvia Fernandes:

O que se observa é uma espécie de território móvel, sem margens fixas, em que várias vertentes da arte contemporânea se friccionam, tornando difícil detectar a linhagem a que pertencem. Nessas cenas, as fronteiras fluidas entre processo e produto, ensaio e espetáculo, vida e representação, teatro contextual e teatro do real, performance e situação são difíceis de demarcar. E é exatamente essa fluidez que indica a expansão das experiências teatrais para fora de paradigmas definidos e impele o jogo para situações de compartilhamento de processos e interação imediata com o espectador (Fernandes, 2018, p.12).

A própria noção de “instalação coreográfica”, difundida a partir dos anos 2000, conjuga o trabalho de dançarinos, artistas visuais e músicos experimentais, constituindo uma relação entre o corpo e o ambiente/materialidades. O movimento do corpo no espaço, antes compreendido como a essência da dança, passa por rupturas em sua compreensão, a partir do diálogo com a *performance art*, projetando-se para fora de sua pureza como gênero artístico e trazendo também para o espectador a sensorialidade da experiência do corpo em cena e das percepções instauradas pelo espaço tridimensional, criando acontecimentos que envolvem todos os presentes: artistas e espectadores.

A virada performativa também é observada no trabalho das artes cênicas com as crianças, a partir dos anos 1990, abraçando a presentificação e a experiência interativa, especialmente no trabalho com bebês e crianças pequenas, inscrevendo-se no campo da *Live Art*⁴. Ao contrário da dança e do teatro mais tradicionais, a *Live Art* permite uma aproximação mais diversa e transdisciplinar com a performance, fazendo dialogar as experiências com o corpo advindas da dança, da ação performativa e da espacialidade visual e é sob essa perspectiva que o trabalho do Núcleo Quanta se apresenta como parte de um panorama contemporâneo dentro das artes cênicas.

Habitar e enriquecer o espaço público com as crianças: a experiência do EmQuanta como ação artística em praças públicas e parques da cidade de São Paulo

No ano de 2022, o projeto *Sai de Casa, Quanta!* foi contemplado com o fomento da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo⁵. A

⁴ Sibylle Peters (2017) aponta que “o trabalho para crianças e jovens sempre foi altamente experimental e inovativo, um campo aberto para criar híbridos em uma alta gama de influências” (Peters, 2017, p.10).

⁵ Com o apoio do Edital de Apoio a Projetos Artísticos e Culturais Descentralizados de Múltiplas linguagens, o projeto *Sai de Casa, Quanta!* realizou 10 ações

iniciativa visou à retomada das ações artísticas e formativas do grupo pela cidade de São Paulo, após os dois anos de distanciamento social impostos pela pandemia de covid-19. Nesse momento delicado de reencontro, optou-se por adaptar o espetáculo *EmQuanta: dança para crianças pequenas e seus pais*, para uma ação artística que ocupasse parques municipais de diferentes territórios da cidade, espalhados por entre suas quatro regiões (norte, centro-oeste, sul e leste), devido ao período de readaptação ao convívio social e à necessidade de ainda se adotar algumas medidas sanitárias de prevenção à doença.

Figura 1 - *EmQuanta: dança para crianças pequenas e seus pais*. Itaú Cultural, 2013.



Fonte: Foto de Cris Glass.

Os locais pretendidos para a parceria estavam localizados em regiões de alta vulnerabilidade social e com carência de programação social, especialmente aquela voltada para a primeira infância. Procurou-se com essa ação oferecer opções de convívio e experiência artística entre pais e filhos, entre famílias e com a cidade, colaborando

artísticas gratuitas em praças e parques da cidade, abrangendo suas quatro regiões administrativas e territoriais, o I Seminário Arte e Primeira Infância, reunindo professores especialistas e pesquisadores nas áreas de arte e educação para primeira infância e orientou 6 projetos de artistas e educadores com foco nessa faixa etária na Incubadora de Projetos Arte e Primeira Infância. As ações do projeto podem ser apreciadas no site do Núcleo Quanta: www.nucleoquanta.com e em suas redes sociais @nucleoquanta.

diretamente com as normativas municipais para a primeira infância, no sentido de proporcionar espaços lúdicos e acolhedores para as crianças, assim como a fruição de atividades culturais pelas famílias.

No início da execução do projeto, no entanto, os parques municipais ainda não estavam liberados para o agendamento de ações artísticas e culturais, o que trouxe uma pequena adaptação no projeto para a apresentação das ações nos jardins e praças adjacentes de bibliotecas públicas municipais, com a posterior adesão ao projeto do Parque da Aclimação. Executamos assim dez apresentações do *EmQuanta* em cinco equipamentos públicos, nas quatro regiões da cidade de São Paulo: Biblioteca infantojuvenil Monteiro Lobato (centro); Biblioteca Hans Christian Andersen (leste); Biblioteca Álvares de Azevedo (norte); Biblioteca Álvaro Guerra (oeste) e Parque da Aclimação (sul).

Figura 2 - *EmQuanta*: ação artística no jardim da Biblioteca Pública Álvares de Azevedo, 02/07/2022



Fonte: Foto de Wilson Julião.

A ação nos parques e jardins propunha a retomada artística e convivial dos espaços da cidade, após o distanciamento social realizado como medida sanitária de prevenção à pandemia de covid-19 que, em São Paulo, durou dois anos. O campo da cultura e das práticas artísticas foi um dos mais afetados pela pandemia de covid-19, pela própria natureza das suas ações, que requerem tradicionalmente

o encontro e a presença. No que diz respeito às crianças pequenas, o período do distanciamento criou lacunas que até hoje tentamos preencher, tanto no campo convivial como educacional. Marina Marcondes Machado evidencia:

Durante a pandemia do coronavírus, adultos em suas casas não estavam preparados para que as crianças ficassem 24 horas do dia no convívio familiar. Muitos pareciam desconhecer seus filhos pequenos, bem como a necessidade de brincar livremente. Parece que brincar, ao menos nas grandes cidades, acabou por ser reconhecido de maneira oficializada como ‘atividade escolar’ e não como uma ação cultural própria do ser criança, de sua corporalidade, de seus modos de existir, pesquisa de si mesma, dos outros e do mundo compartilhado (Machado, 2023, p.78).

Em 2022, muitos dos espectadores do Núcleo Quanta haviam nascido durante a pandemia e pouco haviam convivido com outras pessoas ou crianças além da própria família. Outros tiveram esse convívio interrompido muito cedo, prejudicando assim o desenvolvimento de algumas habilidades cognitivas, linguísticas e sociais. Da mesma maneira, o espaço aberto das praças urbanas rompia agora com o cotidiano dos apartamentos, ampliando assim a vivência das crianças em relação às possibilidades de uso do seu próprio corpo, em interação com a performance, com a paisagem e com outras famílias.

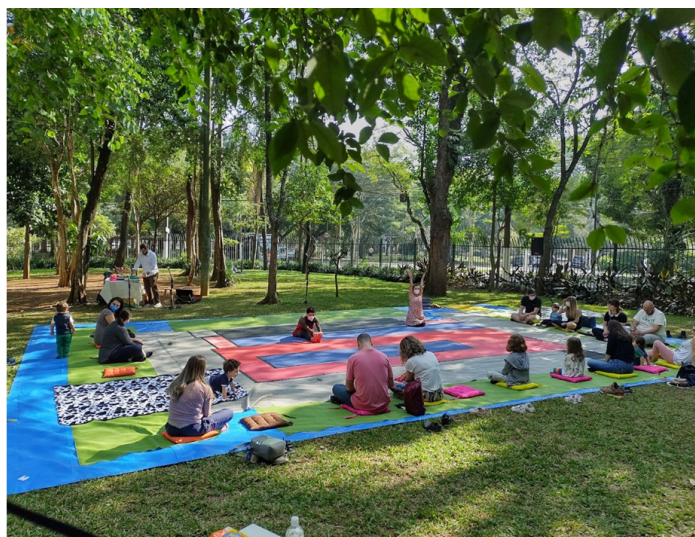
A interação é de extrema importância para o desenvolvimento infantil. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) trazem o conceito de criança como sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva. [...] através da interação com o outro e com o mundo a criança compreende os elementos que a cercam, elaborando sentidos e significados sobre o ambiente e a cultura e, desta forma, constrói o seu aprendizado (Evaristo *et al*, 2023, p.18).

Mais do que reinvenção de modos de criação e de convívio, mais do que resistência aos processos

de aniquilamento da sobrevivência, causados pelo vírus ou por um governo que se fez alheio ao sofrimento de milhões de brasileiros durante a pandemia, analisamos a experiência de se fazer arte com as crianças nos parques em 2022 permeados pelas perguntas: o que aprendemos com isso? Como os artistas e os espectadores puderam romper o isolamento e tocar nas suas constituições como sujeitos da cultura e habitantes da cidade? Como os acontecimentos artísticos coletivos mobilizam os encontros e enriquecem o espaço público?

Reencontrar a paisagem

Figura 3 - EmQuanta: ação artística no jardim da Biblioteca Pública Álvaro Guerra, 25/06/2022.



Fonte: Foto de Wilson Julião.

Fim da manhã. O sol se esgueira por entre as árvores, esquentando aos poucos o ambiente. Em meio ao jardim, tapetes coloridos sobrepostos marcam o local do encontro. Ao fundo, um músico coordena a paisagem sonora. Duas bailarinas se alongam e, de repente, uma criança corre. A partir desse momento, um novo jogo se instala, da percepção do ambiente para a permissividade da ação. Um menino engatinha, duas irmãs brincam de borboleta, outras seguem os movimentos das bailarinas, enquanto um pequeno aninha-se para mamar no colo da mãe. Um ator surge empinando

nuvens de plástico branco e crianças e adultos experimentam o movimento no ar. O vento balança as folhas, que caem por sobre a cena, e a luz traça mosaicos de sombra por sobre os tapetes.

Ao construir o espaço cênico, o Núcleo Quanta revela um ambiente no qual seja propícia a realização da potência infantil por meio do brincar, ao mesmo tempo em que estimula a relação entre todos os atuantes em cena (artistas e espectadores). Para ir ao encontro dessa proposta, reflete sobre a relação sistêmica entre habitantes de um mesmo ambiente e tece o espaço cênico como lugar de habitação, na qual todos os elementos estão em relação dinâmica: luz, materialidades, construções, sonoridades, visualidades, movimentos e performatividades, compondo um ecossistema cênico.

Hélio Oiticica, ao investigar o seu conceito de arte ambiental (Araújo, 2021), buscava uma obra que se realizava na expansão das sensações provocadas pelas experimentações corporais, em ambientes que possibilitassem a intervenção do espectador. O ambiente agiria assim como conjunto de situações e campo de forças, que Oiticica observava como a passagem do espaço arquitetônico para a experiência no espaço arquitetural.

Integrar o espaço de jogo à paisagem do jardim traz mais um elemento ao esse ecossistema cênico, ampliando a dimensão espacial e as possibilidades de experiência sensorial dos atuantes em cena. *EmQuanta* se dá como um fenômeno que está ligado ao corpo do público, ao jogo em cena e ao espaço ocupado de maneira relacional, cujo entorno acolhe os sujeitos e as relações que se dão com suas materialidades naturais: vento, luz e sombras, texturas, aromas, temperaturas, engendrando em cena uma poética que integra homem e natureza, representada pelo espaço de um jardim.

A paisagem está entre o espaço e o lugar, é a experiência do sujeito com o mundo que ele experimenta, reconstrói e ressignifica. (...) Ela diz respeito à experiência dos sentidos, do pensamento e da recepção estética em jogo com a materialidade, com o terreno (Schuquel, 2021, p.4).

Figura 4 - EmQuanta: ação artística no Parque da Aclimação, 05/06/2022



Fonte: Foto de Wilson Julião.

Essa experiência dos sentidos verifica-se nos corpos que se dispõem a encontrar a cena em paisagem, no início, tímidos, mas que se deixam banhar pelo sol, envolver-se pela música, surpreender-se e gritar com bolhas de sabão, enrolar-se nos tubos de conduíte, vestir o brinquedão. A luz do sol avança ao longo da experiência, proporcionando desenhos e brilhos que compõem o espaço. Os cachorros se sentam para olhar as crianças, senhoras continuam seu passeio enquanto observam a cena, jovens jogam futebol ao lado. O jardim é ressignificado pela ação cênica, a brincadeira no parque é ressignificada pelo jogo cênico, as relações familiares são ressignificadas pela experiência com a obra.

Encontrar-se com o parque é também construir um lugar onde as crianças possam estar livremente: ao tocar, percorrer, surpreender-se, explorar, correr, pular, fazer de conta. É também criar uma pausa na temporalidade urbana frenética, distanciar-se do ruído das máquinas e do aglomerado urbano. É sair dos apartamentos e reencontrar o espaço aberto, público e convivial.

Reencontrar o outro e encontrar os adultos-performers

Figura 5 - *EmQuanta*: ação artística no parque da Biblioteca Municipal Infantojuvenil Monteiro Lobato, 21/05/2022.



Fonte: Foto de Tadzio Veiga.

O espaço circular em uma praça no centro da cidade de São Paulo recebe artistas, crianças e adultos que se reúnem em uma ação cênica. Os adultos inicialmente observam, com exceção de algumas mães e pais mais predispostos à dança. As crianças correm com os sacos plásticos pelo ar, juntam muitos sacos e fazem uma bola gigante e se deitam sobre ela, usam o saco plástico como pula-pula, se deixam envolver pelas bolhas de sabão, tentam agarrá-las com os dedos, gritam de entusiasmo ao ser rodeado pelas bolhas. Observam também as ações do músico e tocam nos instrumentos. Enrolam-se por entre os tecidos, brincam de achar e esconder com as mães, usam os tecidos para fazer redes, barcos, oceanos nos quais nadam, rios que cruzam saltando, deitam e olham o céu. À essa altura, mães, pais e outros adultos já compartilham a brincadeira, dançam juntos, ouvem atentos os versos da poesia e cantam escravos-de-Jó. Surge um brinquedão, as crianças querem tocar em suas partes, perceber se faz som, se destacam do corpo, se conseguem vesti-lo. Artistas, crianças e adultos encontram os lugares das suas corporalidades e deixam a arte morar em si, entre todos, com o mundo.

A pandemia de covid-19 manteve muitas famílias em isolamento por quase dois anos na cidade de São Paulo. O início do ano de 2022 foi

também o de uma libertação: com a chegada das vacinas, podia-se novamente reencontrar aqueles outros que por tanto tempo nos foram apartados: pais, avós, primos, amigos, professores e tantos outros que não conhecíamos, ocupando novamente o espaço público.

Jorge Dubatti (2007) observa que a arte cênica é um acontecimento convivial, que pressupõe o compartilhamento de uma experiência com o outro. *EmQuanta* traz em si um ato performativo que se dá por entre as relações entre adultos e crianças, habitando juntos o âmbito artístico, compartilhando o mundo em momento de descoberta. Assim, encontrar as crianças, permitir que elas estejam livremente e ludicamente no espaço produz, como diz Dubatti, um acontecimento poético corporal em convívio.

Ao podermos novamente habitar os nossos corpos em relação lúdica e artística, na amplitude de uma praça pública, passamos a “re-conhecer” as possibilidades do convívio, de perceber o entorno, de se aproximar sem medo do outro, para então estabelecer um diálogo entre o que se passa em si, com o outro e com o espaço habitado. Dessa maneira, procuramos, ao performar *EmQuanta*, observar como os corpos das crianças são afetados pela ação cênica e como eles afetam os adultos em convívio. Como todos são afetados pelo espaço aberto do parque? Como se dá a transformação do corpo que saiu do isolamento dos apartamentos e veículos privados para o espaço coletivo, das cadeirinhas e dos colos das mães para o lugar da performance? E como também os adultos se transformam em performers? Como eles passam a agir com as crianças?

Ao reconhecer a singularidade de cada convívio, de cada criança que se lança à experimentação no espaço, abrimo-nos para o imprevisível de uma arte que se faz ali, ao vivo, em jogo. Os indígenas Mundukuru ensinam suas crianças a aprender as coisas da vida como elas se apresentam. Da mesma maneira, a ação cênica, o movimento e a performatividade se revelam a partir

das explorações corporais das crianças, estimuladas pelo contato com o espaço e sua plasticidade e pela interferência dos artistas, que as observam e agem a fim de enriquecer a brincadeira, o movimento, ou a relação entre eles. Como diz Marina Machado (2023): “Se é em movimento que a criança pequena pensa, vive, cala, será em movimento que ela nos dirá sobre si: sobre ser criança, alegrias, angústias, pesquisas-da-forma-conteúdo da sua poiesis” (Machado, 2023, p.203).

Assim como na primeira infância, encontramos um convívio que se fundamenta na experiência e na percepção. Os saberes corporais, a improvisação, a imprevisibilidade, o tempo, a energia, o impulso colocam-se, para os artistas, as crianças e os adultos, como formas singulares de se estar no mundo. A partir da percepção do corpo e da escritura desse corpo no movimento, encontra-se o diálogo entre a ação, a apresentação e a observação. Crianças e adultos encontram-se como performers da ação cênica, podendo, inclusive, interferir, destruir e reconstruir os elementos ali em jogo. Abandona-se o foco no artista como condutor da experiência cênica, dirigindo-a à experiência do corpo no espaço, tornando as intervenções humanas uma imersão ativa na cena.

Figura 6 - EmQuanta: ação artística no jardim da Biblioteca Pública Álvares de Azevedo, 02/07/2022



Fonte: Foto de Wilson Julião.

Crianças e adultos relacionam-se entre si, mediados pelo jogo e pela experimentação com a paisagem, os objetos em cena, as sonoridades e interferências externas do parque. Revelam e escondem partes do corpo; colocam-se em posições e movimentos inusitados, exploram os materiais sonoramente; criam uma relação corpórea com os objetos; percorrer o espaço da instalação acoplado o corpo ao material, cruzam o espaço com rapidez brincando de pega-pega e tantas outras possibilidades de brincadeira e manipulação descobertas pelas crianças em cena e compartilhadas com os adultos.

A obra coloca assim os participantes em posição de intimidade. Há o contato com o outro, por meio da ocupação do espaço e da manipulação dos objetos, que geram o movimento. Por outro lado, há a imersão no contato intrapessoal, por meio do estado lúdico que o material, o espaço e a sonoridade proporcionam. A posição do espectador se desloca da contemplação passiva para a imersão na ação e na relação com a cena e com os outros atuantes, sejam eles crianças ou adultos. *EmQuanta* permite então romper com o isolamento vivenciado durante a pandemia, trazendo inúmeras possibilidades do que se possa conhecer de um convívio, produzindo uma poética singular em cada um dos seus encontros, com os outros, com o espaço, com o mundo compartilhado.

Uma cidade também para as crianças

Figura 7 - EmQuanta: ação artística no Parque da Aclimação, 05/06/2022



Fonte: Foto de Leandro Goulart.

Ao propor a ação artística com crianças pequenas no espaço público, o Núcleo Quanta visa contribuir com a defesa dos direitos das crianças em sua especificidade existencial e social, com o seu desenvolvimento e com a criação de uma rede de famílias, professores, artistas, cuidadores que possam multiplicar, com o devido conhecimento e cuidado, a experiência estética e artística na primeira infância.

Com a circulação de *EmQuanta* como ação artística para crianças pequenas e seus pais nas praças e parques da cidade de São Paulo, enfatizamos a ocupação desses espaços de maneira a tornar os ambientes mais acolhedores para as crianças, ampliando a oferta de espaços lúdicos e acessíveis, considerando as especificidades da primeira infância e estimulando a sua revitalização e a convivência intergeracional. Além disso, proporciona o estímulo ao brincar, à exploração da corporalidade infantil e ao seu desenvolvimento integral por meio da arte, assim como a interação com seus adultos responsáveis, mulheres gestantes e com outros cuidadores, sensibilizando-os para a importância do cuidado com a primeira infância.

Ao retomar o convívio no espaço público, nos indagamos também sobre o que aprendemos com a experiência da pandemia. Como atravessamos esse momento com as crianças e como podemos colaborar para reconstruir um mundo no qual a presença das crianças seja qualificada, considerada e co-habitada? Ao observarmos outras experiências conviviais entre adultos e crianças, podemos refletir sobre em que medida nossas formas sociais atuais contribuem para um novo entendimento sobre as relações humanas e sobre o senso de comunidade:

A infância indígena, a infância Mundukuru é muito livre. A gente trafegava por todas as casas e é comum, desde crianças, entender que a comunidade toda é responsável pela nossa educação. Então, nós não temos apenas um pai e uma mãe. Nós temos vários, todos aqueles que têm filhos são pais das outras crianças também. De modo

que crescíamos sem medo, sem travas. É um pouco desse pensamento circular, de que tudo caminha bem, se todos se responsabilizarem pelo andamento das coisas (Daniel Mundukuru, informação verbal, 2023).

Daniel ainda observa: “e onde é que a gente se aproxima? A gente cria essa ponte na infância”. A sobrevivência do mundo hoje e, principalmente, da humanidade no mundo hoje, depende da criação de alternativas para a ocupação do espaço, para a captação e utilização dos recursos naturais, para um novo entendimento sobre as relações humanas e sobre o senso de comunidade. E, para isso, observamos a necessidade do fortalecimento de experiências comuns, incluindo as crianças, que sejam mais qualitativas do que quantitativas, oferecendo uma nova maneira de se perceber as coisas, para que juntos possamos enfrentar os desafios da barbárie contemporânea.

A experiência estética vivenciada em *EmQuanta* cria uma percepção específica no espectador, oportunizando um modo de convívio que cria uma comunidade temporária em torno de uma ação lúdica, da qual as crianças são parte estruturante. Novas relações, novos olhares, novos movimentos, novos afetos são criados enquanto habitam o acontecimento. Como coloca Erika Fischer-Lichte (2019): “é a experiência estética, isto é, a experiência liminar enquanto tal, que organiza as experiências liminares não estéticas e, eventualmente, as integra.” (Fischer-Lichte, p.477).

A partir da experiência de uma obra que se faz ao vivo, entre artistas, crianças e adultos, tornamo-nos vivenciadores do próprio espaço da cidade, acolhendo as relações que se formam em torno do brincar, das corporalidades que se cruzam na ação artística e no uso do espaço como território estético. Ao interferirmos nos espaços da cidade, ao integrarmos a força potencial da paisagem dos jardins e parques, buscamos a fruição de um espaço urbano que formule novas noções de cidade que possam repercutir diretamente em seus repertórios e dinâmicas de usos.

Considerando-se que as desigualdades das cidades influenciam diretamente na criação e desenvolvimento das crianças e que uma cidade acolhedora é uma cidade melhor para todas as pessoas, podemos refletir também sobre o que seriam as políticas culturais para a primeira infância. Quando se trata de políticas públicas para este segmento, além de serem recentes na história brasileira, focalizam questões diretamente ligadas ao espaço físico de convivência, serviços, educação, saúde e proteção e segurança. As questões artísticas e culturais surgem transversalmente, podendo ser inseridas em eixos estratégicos maiores, que dizem respeito à educação, ao uso acessível do espaço, ao direito ao livre brincar, à convivência intergeracional e à participação em atividades (de maneira geral) que estimulem e favoreçam o desenvolvimento humano integral.

Ressaltamos então a necessidade de uma maior positividade da experiência artística na infância e na sua relação com os adultos, nos equipamentos públicos da cidade, em seus espaços abertos e jardins, nas escolas e no centro da vida familiar. Para além da mera oferta de agendas culturais específicas, atividades físicas e de lazer, defendemos o cultivo da experiência estética na infância como eixo estruturante não apenas de desenvolvimento cognitivo e social, mas como atitude filosófica frente à vida, como busca de um *Buen Vivir*⁶ que busque uma nova forma de organizar o modo de se viver no mundo, privilegiando a percepção sensível, a experiência do corpo, a relação com o espaço, com o entorno e a exploração de gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções que revejam nossa relação com o os outros e com o mundo.

Aquilo que muitos cientistas não ousaram admitir nem pensar durante muito tempo, e que muitos ainda contestam,

⁶ O *Buen Vivir* é um conceito desenvolvido pelo equatoriano Alberto Acosta, que reflete sobre o desenvolvimento econômico sustentável, oposto à ideia de acumulação perpétua, que busca a harmonia com a Natureza, a reciprocidade e a solidariedade entre os indivíduos e comunidades, baseado nas experiências culturais dos povos indígenas sul-americanos.

foi sentido intuitivamente pelos artistas, que há décadas abordavam sua arte em conformidade. [...] Aqui, ambos os grupos puderam experimentar e viver o mundo como encantado, e isto significa pensarem-se a si próprios num processo de transformação, como seres em transição (Fischer-Lichte, 2019, p.493).

Nesse momento delicado que atravessamos enquanto humanidade, é fundamental que tragamos ações e reflexões que possam contribuir para a construção de sociedades mais cooperativas, menos desenvolvimentistas, mais diversas e menos colonizadas. Dessa maneira, as crianças, como portadoras da novidade no mundo, merecem o cuidado de toda uma aldeia, para que possam colaborar, como participantes ativas e criativas da sociedade, com a criação de novas culturas não-predatórias que possam reposicionar o ser humano como um membro na trama da vida.

Referências

ARAUJO, Everton Lampe de. O auto-teatro de Hélio Oiticica: provocações de uma arte ambiental. *Urdimento – Revista de Estudos em Artes Cênicas*, Florianópolis, v. 2, n. 38, p. 1-18 ago./set. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/issue/view/767>>. Acesso em: 31 mar. 2021.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2018.

DEWEY, John. *Arte como Experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DUBATTI, Jorge. *Filosofia del Teatro I: convivio, experiencia, subjetividade*. Buenos Aires: Atuel, 2007.

EVARISTO, Débora et.al. Impactos do isolamento social no desenvolvimento de pré-escolares. *Revista Psicopedagogia* 2023; 40 (121): 17-27; DOI: 10.51507/2179-4057.20230002.

FERNANDES, Sílvia. Teatro expandido em contexto brasileiro. *Revista Sala Preta*, vol.18, n.1, PPGAC-ECA-USP, 2018.

FISCHER-LICHTE, Erika. *Estética do Performativo*.

Lisboa, Orfeu Negro, 2019.

HOLM, Anna Marie. *Baby-Art: os primeiros passos com a arte*. São Paulo: MAM, 2007.

HOYUELOS, Alfredo. *Loris Malaguzzi: uma biografia pedagógica*. Phorte Editora, 2023.

LOWENFELD, Viktor. *Creative and Mental Growth*. Macmillan, 1975.

MACHADO, Marina Marcondes. “A criança é performer”, em *Revista Educação e Realidade*, Porto Alegre: UFRGS, vol.35, nº2, PP.115-137, maio/ago 2010.

_____. *Para as crianças de agora: uma perspectiva artístico-existencial*. São Paulo: Perspectiva, 2023.

MUNDUKURU, Daniel, em entrevista ao site *Quindim*, em 27/02/2023, <https://quindim.com.br/blog/daniel-munduruku-o-poder-do-entorno/>. Acesso em 16/08/2023.

OBSERVATÓRIO DA PRIMEIRA INFÂNCIA. *Monitoramento de Políticas para a Primeira Infância*. São Paulo: Rede Nossa São Paulo/ Fundação Bernard Van Leer, 2020.

PETERS, Sibylle. *Live arte and kids*. London: Live Arte Development Agency. Study Room Guide, 2017.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Plano Municipal pela Primeira Infância 2018-2030*. São Paulo, 2018.

READ, Herbert. *A educação pela arte*. São Paulo: Martins Fontes, 2016.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou da Educação*. São Paulo: Difel, 1979.

SCALARI, Rodrigo. Jacques Copeau e o instinto dramático da criança. *Revista Sala Preta*, PP-GAC-ECA-USP, v.21, n.2, 2022. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v21i2p49-65>.

SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem numa série de cartas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.

SCHUQUEL, Maurílio Bertazzo – A Paisagem como Noção Operacional em Artes da Cena *Revista Brasileira de Estudos da Presença*, Porto Alegre, v.

11, n. 2, e99932, 2021. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2237-266099932>.

SLADE, Peter. *Child Drama*. London: Hodder and Stoughton, 1974.

VIGANÓ, Suzana Schmidt. *Quanta: a experiência estética e a primeira infância*. Mauritius: Novas Edições Acadêmicas, 2019.

Recebido: 17/04/2024

Aceito: 27/05/2024

Aprovado para publicação: 24/06/2024

Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos de uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. Disponível em: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License 4.0 International. Available at: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.

Ce texte en libre accès est placé sous licence Creative Commons Attribution 4.0 International. Disponible sur: <http://creativecommons.org/licenses/by/4.0>.